

DA AUTORA *BEST SELLER* DE *A MULHER DA ESTRELA AZUL*

PAM JENOFF



AS RAPARIGAS
DESAPARECIDAS
DE PARIS

HarperCollins
Narrativa histórica

PAM JENOFF

AS RAPARIGAS
DESAPARECIDAS
DE PARIS

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

As raparigas desaparecidas de Paris
Título original: The Lost Girls of Paris
© 2019, Pam Jenoff

© 2022, para esta edição da HarperCollins Ibérica, S.A.
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Tradutor: Fátima Tomás da Silva

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em
qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a permissão da Harlequin Books, S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são
produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer
semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, factos
ou situações são mera coincidência.

Imagem da capa: iStock
1ª edição: Junho 2022

ISBN: 978-84-9139-787-8

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Cita](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezasseis](#)

[Capítulo dezassete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezanove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[A história verdadeira de *As raparigas desaparecidas de Paris*](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Para a minha família

*Em tempos de guerra, a verdade é
tão preciosa que deveria estar
sempre protegida por um guarda-
costas das mentiras.*

Winston Churchill

Capítulo um

GRACE

Nova Iorque, 1946

Se não fosse pelo segundo maior erro que Grace Healey cometera na sua vida, nunca teria encontrado a mala.

Às nove e vinte da manhã de uma terça-feira, Grace devia estar a viajar rumo ao sul, em direção ao centro, a bordo do primeiro de dois autocarros, deslocando-se da pensão onde vivia, em Hell's Kitchen, para o escritório de Lower East Side onde trabalhava. E, efetivamente, estava a caminho do trabalho. Mas não estava perto do bairro que, agora, aceitava como o seu lar. Corria pela Madison Avenue, tentando apanhar os seus caracóis num coque baixo. Tirou rapidamente o casaco, apesar do frio reinante, para poder despojar-se do casaco de lã verde-menta. Não queria que Frankie se apercebesse de que se vestia da mesma forma do que no dia anterior e pensasse o impensável: que não passara por casa.

Grace parou para examinar a sua imagem refletida na montra de uma loja de tudo a cinco centavos. Teria gostado que estivesse aberta para poder comprar um pouco de pó e, assim, camuflar as marcas do pescoço. Também gostaria de pedir uma amostra de perfume para disfarçar o fedor do conhaque do dia anterior, que se combinava com o cheiro,

delicioso, mas incorreto, da loção pós-barba de Mark, um cheiro que lhe causava vertigens e vergonha cada vez que o sentia. Na esquina, havia um bêbado, sentado no chão e choramingando em sonhos. Vendo a sua palidez cinzenta e carente de vida, Grace experimentou um sentimento de solidariedade. De um beco, emergia o barulho metálico de um caixote do lixo, que parecia seguir o ritmo do som surdo que pulsava na sua cabeça. Era como se Nova Iorque inteira estivesse gasta e de ressaca. Ou talvez pensasse isso porque era o que sentia.

As rajadas de vento gélido de fevereiro atravessavam a Madison e agitavam, com fúria, as bandeiras que ondeavam no topo dos arranha-céus. Um jornal velho e amarrotado dançava à volta do esgoto. Ao ouvir que os sinos de Saint Agnes davam as nove e meia, Grace apertou o passo e, ao acelerar, sentiu a humidade da pele em contacto com a roupa. A Grand Central Terminal erguia-se à frente dela, imponente. Um pouco mais à frente, assim que chegasse à rua 42, viraria à esquerda e, em Lexington, apanharia um autocarro diretamente para o centro.

Contudo, ao aproximar-se da intercessão com a rua 43, viu que a circulação estava interrompida. Havia três carros da polícia atravessados, isolando a Madison e impedindo a passagem para o sul. Um acidente de viação, imaginou Grace, assim que viu o Studebaker preto atravessado na rua e o fumo que saía do seu capô. Ultimamente, as ruas de Midtown estavam mais cheias de carros do que nunca, competindo para encontrar espaço entre autocarros, táxis e camiões de distribuição. Não dava a impressão de haver mais veículos envolvidos. Na esquina, havia só uma ambulância. Contudo, os médicos não corriam de um lado para o outro com urgência, estavam apoiados no veículo, a fumar.

Grace aproximou-se de um polícia, cuja cara gordinha aparecia por cima da gola do seu uniforme azul-marinho com botões dourados.

— Desculpe. A rua vai estar cortada durante muito tempo? Estou atrasada para o trabalho.

O homem observou-a com desdém por baixo da viseira do seu chapéu, como se acumulasse ódio por todas as mulheres que tinham trabalhado responsavelmente nas fábricas, ocupando o lugar dos homens que se tinham alistado e viajado para o estrangeiro durante a guerra, como se a ideia de uma mulher trabalhar ainda lhe parecesse ridícula.

— Não pode passar por aqui — replicou o polícia, interrompendo-a. — Nem poderá fazê-lo durante um bom bocado.

— O que se passou? — perguntou Grace, mas o polícia virou-lhe as costas.

Adiantou-se um pouco e esticou o pescoço para tentar ver o que se passava.

— Uma mulher, foi atropelada por um carro e morreu — explicou o homem com uma boina de lã que estava ao seu lado.

Ao ver o para-brisas devastado do Studebaker, Grace sentiu náuseas de repente.

— Que pena — conseguiu dizer, finalmente.

— Não vi — continuou o homem. — Mas dizem que morreu imediatamente. Pelo menos, não sofreu.

«Pelo menos.» Uma frase que Grace ouvira com muita frequência depois da morte de Tom. Pelo menos, ainda era jovem. Pelo menos, não havia crianças envolvidas. Como se isso o tornasse mais fácil de suportar. Às vezes, pensava que as crianças não teriam sido um fardo, mas um pouco dele que teria estado com ela para sempre.

— Nunca se sabe onde acabará tudo — refletiu o homem da boina, ao seu lado.

Grace não respondeu. A morte de Tom também fora inesperada, o jipe virara-se no percurso entre a base do exército e a estação de comboios, na Geórgia, quando se dirigia para Nova Iorque para a visitar antes de ser enviado

para a frente. Consideraram-no uma vítima da guerra, mas, na verdade, fora um acidente que poderia ter acontecido em qualquer lugar.

De repente, iluminou-se o *flash* da máquina fotográfica de um repórter e Grace pestanejou. Protegeu os olhos e, às cegas, abriu caminho entre a multidão que se congregara, em busca de ar para respirar num ambiente carregado de fumo de tabaco, suor e perfume.

Já longe da barricada formada pela polícia, olhou por cima do ombro. A rua 43 também estava bloqueada em direção a oeste e era impossível atravessá-la. Voltar a ir para a Madison e dar a volta à estação pelo outro lado custar-lhe-ia pelo menos meia hora e chegaria ainda mais tarde ao trabalho, se é que era possível. Amaldiçoou novamente a noite anterior. Se não fosse por Mark, não estaria ali agora, sem outra alternativa senão passar pela Grand Central, um lugar a que jurara nunca mais voltar.

Grace virou-se para o edifício. A Grand Central abatia-se sobre ela, uma sombra gigantesca que toldava o asfalto. Os pedestres entravam e saíam sem cessar pelas suas portas. Imaginou o interior da estação, o vestíbulo onde a luz se filtrava através das janelas de vidro fumado, o relógio grande por baixo do qual se encontravam amigos e amantes. Não era o lugar que não suportava ver, mas as pessoas. As raparigas com batom acabado de pôr, passando a língua pelos dentes para se certificarem de que não tinham ficado sujos, agarradas às suas malinhas, expectantes. As crianças penteadas, ligeiramente nervosas com a ideia de ver um pai que não conseguiam recordar porque se fora embora quando elas mal davam os seus primeiros passos. Os soldados com o uniforme amarrotado pela viagem a saltar para a plataforma com ramos de margaridas murchas. Um reencontro que nunca seria o dela.

Seria melhor esquecer aquilo e voltar para casa. Apetecia-lhe tomar um banho, talvez oferecer-se uma sesta.

Mas tinha de ir trabalhar. Frankie tinha uma entrevista com uma família francesa às dez e precisava dela para lhe ditar as notas. E, depois, chegariam os Rosenberg, para ir buscar a documentação para o apartamento. Normalmente, era o que mais gostava no seu trabalho, perder-se nos problemas dos outros. No entanto, hoje, a responsabilidade pesava sobre ela como nunca.

Não, tinha de seguir em frente e aquela era a sua única alternativa. Endireitou as costas e dirigiu-se para a Grand Central.

Atravessou a porta da estação. Era a primeira vez que estava lá desde a tarde em que chegara de Connecticut com o seu melhor vestido drapeado, com o cabelo perfeitamente penteado com uns caracóis vitorianos e a cabeça coroadada com uma calota elegante. Tom não chegara no comboio das três procedente de Filadélfia, onde devia ter mudado de comboio, e imaginara que o teria perdido. Contudo, quando também não chegara no comboio seguinte, começara a inquietar-se. Aproximara-se do quadro de mensagens que havia ao lado da banca de informação, no centro da estação, onde as pessoas penduravam bilhetes, no caso de Tom ter chegado mais cedo e de não se terem encontrado. Não tinha forma de entrar em contacto com ele e não havia outra alternativa senão esperar. Comeu um cachorro quente que lhe estragou o batom e lhe deixou um gosto amargo, leu os artigos do jornal no quiosque pela segunda vez e, depois, pela terceira. Os comboios chegavam e esvaziavam-se, vertendo soldados na plataforma que poderiam ter sido Tom, mas que não eram. Quando chegou o último comboio da noite, às oito e meia, estava louca de preocupação. Tom nunca se teria ido embora, deixando-a ali plantada. O que acontecera? No fim, um tenente de cabelo castanho-avermelhado que reconheceu da cerimónia de recrutamento de Tom, aproximou-se dela com uma expressão grave e soube. Ainda continuava a sentir o

contacto daquelas mãos desconhecidas a agarrá-la quando perdera a força nas pernas.

A estação estava tal como naquela noite, uma corrente interminável de pessoas que vivia a sua vida, ia trabalhar e de viagem, impertérritas face ao papel tão enorme que tinham tido na sua mente durante todos aqueles meses. «Limita-te a atravessar», pensou, consciente de que a saída do lado oposto da estação a chamava como um raio de esperança. Não tinha nenhuma necessidade de parar e recordar.

Sentiu um puxão estranho na perna, como se tivesse ficado presa pelos dedos de uma criança. Grace parou e baixou o olhar. Uma carreira nas meias. Teria sido feita pelas mãos de Mark? A carreira aumentava com cada passo que dava e, na barriga da perna, começava a abrir-se um buraco. De repente, sentiu a necessidade de as arrancar.

Grace começou a correr para a escada que levava às casas de banho do nível inferior. Ao passar à frente de um banco, tropeçou e quase caiu com a cara no chão. Torceu o pé e a pontada de dor atravessou-lhe o tornozelo. Avançou, coxeando, até ao banco, presumindo que não arranjava corretamente o salto e que se soltara novamente. Mas o sapato continuava intacto. Não, o que a fizera tropeçar fora um objeto que aparecia por baixo do banco. Uma mala castanha, que alguém empurrara descuidadamente para debaixo do banco. Olhou à volta com aborrecimento, interrogando-se quem podia ter sido tão irresponsável para deixar aquilo ali, dessa forma, mas não havia ninguém por perto e as pessoas continuavam a passar sem reparar em nada. Talvez o dono da mala tivesse ido à casa de banho ou comprar um jornal. Empurrou-a um pouco para que mais ninguém tropeçasse nela e seguiu o seu caminho.

À frente da porta da casa de banho das mulheres, Grace viu um homem sentado no chão com um uniforme esfarrapado. Por um segundo fugaz, alegrou-se por Tom não ter vivido para lutar na guerra e voltar destruído a casa

por causa de tudo o que vira. Guardaria sempre aquela imagem loira, perfeita e forte. Tom nunca voltaria a casa devastado como tantos outros nem teria de se esforçar para fazer boa cara e esconder que estava destruído por dentro. Grace procurou a última moeda que lhe restava no bolso e tentou não pensar no café que tanto lhe apetecia e de que, agora, teria de prescindir. Depositou a moeda na mão enrugada do homem. Não podia ignorá-lo.

Entrou na casa de banho e fechou-se num cubículo para tirar as meias. Saiu e aproximou-se do espelho para arranjar um pouco o cabelo, preto como o azeviche, e aplicar novamente o seu batom Coty, saboreando na sua textura cêrea tudo o que acontecera na noite anterior. À frente do lavatório contíguo, uma mulher mais jovem do que ela alisava o casaco e, com o gesto, mostrava uma barriga volumosa. Havia gravidezes por todo o lado, o fruto de reencontros felizes com rapazes que tinham voltado a casa da guerra. Grace percebeu que a mulher olhava para o seu aspeto desalinhado. Com conhecimento de causa.

Sabendo que cada instante que passava significava chegar mais tarde ao trabalho, Grace saiu a correr da casa de banho. Disposta a atravessar o vestíbulo da estação, reparou na mala em que tropeçara há apenas alguns minutos. Continuava por baixo do banco. Aproximou-se dela devagar, olhando à volta para o caso de aparecer alguém com intenção de pegar nela.

Vendo que ninguém o fazia, ajoelhou-se para a examinar. Era uma mala normal, de forma arredondada, tal como os milhares de malas que os viajantes transportavam diariamente pela estação, com uma alça gasta, de madrepérola, o que a tornava mais bonita do que a maioria. A única diferença era que ninguém a transportava, continuava por baixo daquele banco. Abandonada. Alguém a teria perdido? Parou por um instante, cautelosa, recordando de repente uma história da guerra sobre uma mala que, na verdade, era uma bomba. Mas aquilo acabara,

o perigo de invasão ou de qualquer outro tipo de ataque que espreitava até há pouco tempo em cada esquina desaparecera.

Estudou a mala em busca de algum sinal que identificasse o dono. Num dos lados, havia um nome escrito com giz. Recordou, com inquietação, alguns dos clientes de Frankie, sobreviventes que os alemães tinham obrigado a escrever o nome nas suas malas com a falsa promessa de poderem ir buscar os seus pertences mais tarde. Aquela tinha uma única palavra escrita: Trigg.

Grace considerou as suas opções: Podia dizer a um empregado ou ir-se embora e esquecer o assunto. Estava atrasada para o trabalho, mas a curiosidade venceu. Era possível que, no interior, houvesse alguma identificação. Manipulou o fecho. Abriu-se sem o mínimo problema, só de tocar nele. Levantou a tampa uns centímetros. Olhou por cima do ombro com a sensação de que, a qualquer momento, alguém a surpreenderia. E, a seguir, observou o interior da mala. Estava tudo perfeitamente disposto. Uma escova para o cabelo com cabo prateado e um sabonete de lavanda Yardley ainda por abrir ocupavam um dos cantos superiores, havia roupa de mulher dobrada com esmero. Na parte posterior, viu dois sapatinhos de bebé, mas, à primeira vista, não lhe pareceu que houvesse mais roupa de criança.

De repente, estar a farejar naquela mala pareceu-lhe uma invasão imperdoável da privacidade (e era, é claro). Grace retirou rapidamente a mão. E, ao fazê-lo, cortou o dedo indicador em alguma coisa.

— Ai! — gritou, sem conseguir evitá-lo.

Apareceu um fiozinho de sangue, com bolhas vermelhas, de dois ou três centímetros de longitude. Levou o dedo à boca e chupou a ferida para parar a hemorragia. Apalpou a mala com a mão ilesa. Precisava de saber o que a cortara, talvez uma navalha de barbear ou uma faca. Por baixo da roupa, encontrou um envelope volumoso. Cortara o dedo no

papel. «Deixa-o estar», disse-lhe uma voz interior. Mas, sem conseguir evitá-lo, abriu o envelope.

Lá dentro, encontrou um pacote de fotografias, cuidadosamente embrulhadas com uma tira de renda. Grace pegou nelas e, ao fazê-lo, uma gota de sangue do dedo caiu na renda, sujando-a sem poder remediá-lo. Havia uma dúzia de fotografias no total, retratos individuais de raparigas diferentes. Eram tão diferentes entre si que não lhe pareceu que fossem parentes. Algumas usavam uniforme militar, outras, blusas imaculadamente engomadas ou casacos. Nenhuma devia ter mais de vinte e cinco anos.

Ter as fotografias daquelas desconhecidas na mão parecia-lhe demasiado íntimo, terrivelmente incorreto. Pensou em guardá-las, em esquecer o que vira. Porém, os olhos da rapariga da fotografia de cima eram escuros e parecia que a chamavam. Quem seria?

Naquele momento, começaram a tocar sirenes fora da estação e embargou-a a sensação de que eram para ela, de que era a polícia que vinha prendê-la por ter aberto uma mala que não era dela. Com pressa, Grace voltou a embrulhar as fotografias com a tira de renda e a guardar tudo outra vez na mala. Mas a renda resistia e parecia impossível poder voltar a pôr aquele pacote no seu interior. As sirenes ouviam-se mais alto. Não tinha tempo. Furtivamente, guardou as fotografias na mala dela e empurrou a outra mala com o pé para debaixo do banco, para que não ficasse à vista.

E, depois, dirigiu-se para a saída, com a ferida do dedo a doer cada vez mais.

— Já sabia — murmurou para si. — Entrar nesta estação não podia trazer nada de bom.

Capítulo dois

ELEANOR

Londres, 1943

O Diretor estava furioso.

Esmurrou a mesa comprida de reuniões com uma mão que parecia uma garra, com tanta força que as chávenas tilintaram e o chá que continham se derramou e encheu os pires. O falatório normal da reunião da manhã interrompeu-se imediatamente. Estava corado.

— Capturaram mais dois agentes — vociferou, sem se dar ao trabalho de baixar o tom de voz.

Uma das datilografas que passava naquele momento pelo corredor parou, observou a cena com os olhos esbugalhados e seguiu rapidamente o seu caminho. Eleanor levantou-se para ir fechar a porta, abanando a mão para dissipar a nuvem de fumo de tabaco que se formara por cima deles.

— É verdade, senhor — gaguejou o capitão Michaels, o adido militar da Royal Air Force. — Os agentes destacados nas proximidades de Marselha foram presos poucas horas depois da sua chegada. Não tivemos notícias deles e supomos que os tenham matado.

— Quem? — perguntou o Diretor.

Gregory Winslow, diretor do Executivo de Operações Especiais, era um antigo coronel do exército altamente condecorado durante a Grande Guerra. Apesar de já rondar os sessenta, continuava a ser uma figura imponente e, nos quartéis-generais todos o conheciam simplesmente como «o Diretor».

O capitão Michaels ficou perturbado com a pergunta. Para os homens que administravam a operação à distância, os agentes que faziam o trabalho de campo eram peças de xadrez anónimas.

Mas não para Eleanor, que estava sentada ao seu lado.

— James, Harry. Canadiano de nascimento e graduado no Magdalen College, Oxford. Peterson, Ewan, antigo membro da Royal Air Force.

Eleanor conhecia de cor os detalhes de todos os homens que se destacavam no terreno.

— Estamos perante o segundo conjunto de detenções neste mês — disse o Diretor, mordiscando o extremo de um cachimbo que nem sequer acendera.

— O terceiro — corrigiu Eleanor, em voz baixa, sem vontade de o zangar ainda mais, mas não disposta a mentir.

Há quase três anos que Churchill autorizara a criação do Executivo de Operações Especiais, ou SOE^[1], com a ordem de «incendiar a Europa» através da sabotagem e da subversão. Depois, a organização destacara perto de trezentos agentes na Europa para causar distúrbios em fábricas de munições e linhas ferroviárias. Na sua maioria, os agentes tinham sido destacados em França, como parte da unidade conhecida como «Secção F», com o objetivo de debilitar as infraestruturas e armar os partidários franceses na preparação da rumorejada invasão aliada do outro lado do Canal.

Contudo, para além das paredes do quartel-general, em Baker Street, praticamente ninguém considerava que o SOE era um sucesso. O MI6 e outras agências tradicionais do governo achavam que o SOE sabotava as suas operações

e consideravam-no uma organização de amadores que não fazia outra coisa senão prejudicar a sua forma de fazer as coisas, mais clandestina e profissional. O sucesso das atividades do SOE era difícil de quantificar, quer porque eram confidenciais, quer porque o seu efeito não se faria notar de todo até a invasão acontecer. E, ultimamente, as coisas tinham começado a correr mal e cada vez havia mais agentes presos. O problema estaria no tamanho das operações, tornando-os vítimas do seu próprio sucesso? Ou tratava-se de algo totalmente diferente?

O Diretor virou-se para Eleanor, uma presa recém-descoberta que, de repente, chamara a atenção do leão.

— O que raios está a acontecer, Trigg? Estão mal preparados? Estão a cometer erros?

Eleanor ficou surpreendida. Começara a trabalhar como secretária no SOE quando a organização funcionava há muito pouco tempo. Conseguir fazer com que a contratassem fora uma batalha difícil: não só era mulher, como era polaca e judia. Muito poucos pensavam que pudesse ter um lugar ali. Com frequência, interrogava-se como conseguira chegar da sua vila pequena, perto de Pinsk, até aos corredores do poder em Londres. No entanto, conseguira convencer o Diretor a dar-lhe uma oportunidade e, com as suas habilidades e conhecimentos, com a sua atenção meticulosa aos detalhes e a sua memória enciclopédica, acabara por conquistar a confiança dele. E, apesar de o seu título profissional e do seu salário continuarem a ser os mesmos, praticamente transformara-se numa assessora. O Diretor insistia que, nas reuniões, não se sentasse com as outras secretárias, na periferia, mas na mesa, à sua direita. (Em parte, fazia-o, suspeitava Eleanor, para compensar a surdez de que padecia daquele lado, algo que o Diretor não reconhecia a mais ninguém. Quando acabavam as reuniões, Eleanor fazia sempre um resumo em privado para se certificar de que o Diretor não perdera nada).

Porém, aquela era a primeira vez que pedia a sua opinião à frente dos outros.

— Com todo o meu respeito, senhor, considero que não se trata de um assunto de formação ou de execução.

De repente, Eleanor apercebeu-se de que todos os olhos estavam postos nela. Sentia-se orgulhosa de passar despercebida na agência, de chamar a atenção o menos possível. Mas agora, a sua cobertura, para o chamar de algum modo, acabara de desaparecer e os homens observavam-na com um ceticismo que não escondiam.

— E, então, de que se trata? — perguntou o Diretor, com a sua falta habitual de paciência a ser posta à prova.

— São homens. — Eleanor escolheu as suas palavras com cuidado, sem permitir que insistisse que se explicasse mais apressadamente, desejosa de o fazer entender sem que se sentisse ofendido. — Nas cidades e vilas francesas, já quase não há homens jovens. Foram chamados pelas Forças Voluntárias Lealistas, estão a lutar com a tropa colaboracionista de Vichy ou estão na prisão por se recusarem fazê-lo. É impossível fazer com que os nossos agentes passem despercebidos nestas alturas.

— E então? Mandamo-los a todos esconder-se?

Eleanor abanou a cabeça. Os agentes não podiam esconder-se. Para conseguir informação, tinham de interagir com os locais. A informação real provinha da empregada em Lautrec que ouvia de relance a conversa dos oficiais depois de já terem bebido alguns copos de vinho ou da esposa do agricultor, que se apercebia das mudanças nos comboios que atravessavam os seus campos; a informação real era o resultado do que os cidadãos normais viam. E os agentes tinham de estabelecer contacto com a *reseau*, a rede de informação da resistência, para, deste modo, fortalecer as suas iniciativas e debilitar os alemães. Não, os agentes da Secção F não podiam operar escondidos em caves e adegas.

— Então? — insistiu o Diretor, pressionando-a.

— Há outra opção... — Hesitou e o Diretor olhou para ela com impaciência. Eleanor não costumava ficar sem palavras, mas o que estava prestes a dizer era tão audaz que não se atrevia. Respirou fundo. — Enviar mulheres.

— Mulheres? Não entendo.

A ideia ocorrera-lhe há algumas semanas ao ver como uma das raparigas da sala de rádio descodificava, de forma rápida e sem hesitação, uma mensagem enviada por um agente de França. Um desperdício de talento, pensara Eleanor. Aquela rapariga devia estar a transmitir do terreno. Mas fora uma ideia tão extravagante que Eleanor precisara de algum tempo para que acabasse de cristalizar na sua cabeça. Nunca tivera a intenção de a expor naquela reunião, mas acabara por aparecer, uma ideia malformada.

— Sim.

Eleanor ouvira histórias sobre agentes femininas, operações solitárias que trabalhavam por conta própria no Leste, transmitindo mensagens e ajudando prisioneiros de guerra a fugir. Coisas que já tinham acontecido na Primeira Guerra Mundial e, certamente, em maior grau do que as pessoas imaginavam. Contudo, criar um programa formal para treinar e destacar as mulheres no terreno era um assunto completamente diferente.

— E o que fariam? — perguntou o Diretor.

— O mesmo trabalho do que os homens — respondeu Eleanor, sentindo-se, de repente, incomodada por ter de explicar o que devia ser evidente. — Transportar mensagens. Transmitir por rádio. Armar os partidários. Destruir pontes.

As mulheres estavam a desempenhar papéis de todo o tipo na frente doméstica, não só a trabalhar como enfermeiras e a fazer tarefas de vigilância local. Usavam artilharia antiaérea e pilotavam aviões. Porque era tão difícil entender que também podiam fazer aquilo?

— Uma secção de mulheres? — repetiu Michaels, interrompendo-a e quase sem conseguir conter o seu

ceticismo.

Ignorando-o, Eleanor virou-se para o Diretor.

— Pense nisso, senhor — disse, adquirindo força à medida que a ideia começava a ganhar mais forma na sua cabeça. — Os homens jovens escasseiam em França, mas há mulheres por todo o lado. Conseguiriam misturar-se perfeitamente com as outras nas ruas, nas lojas e nos cafés. Mas quanto às mulheres que já trabalham aqui... — Hesitou, pensando nas operadoras de rádio que trabalhavam incansavelmente para o SOE. A certo nível, eram perfeitas: com habilidades e conhecimentos, plenamente envolvidas na causa. No entanto, essas qualidades que as tornavam ideais também as tornavam inúteis para trabalhar no terreno. Estavam demasiado enraizadas no seu posto para poderem ser treinadas e trabalhar como operativas e tinham visto e sabiam demasiado para poder ser destacadas no estrangeiro. — Elas também não funcionariam. Temos de recrutar mulheres do zero.

— E onde as encontraríamos? — perguntou o Diretor que, aparentemente, começava a gostar da ideia.

— Nos mesmos sítios onde encontram os homens. — É verdade que não tinham uma unidade de oficiais a que pudessem recorrer. — Na WAC[2] ou na FANY[3], nas universidades e nas escolas de comércio, ou nas fábricas e na rua. — Não existia um currículo único que se adaptasse ao conceito de agente ideal, não havia uma qualificação especial para isso. Era a sensação de que uma determinada pessoa seria capaz de desempenhar aquele trabalho com sucesso. — O mesmo tipo de perfil: inteligente, versátil e que domine o francês — acrescentou.

— Teríamos de as formar — indicou Michaels, expressando-o como se aquilo fosse um obstáculo intransponível.

— Tal como aos homens — contra-atacou Eleanor. — Ninguém nasce a saber fazer este trabalho.

— E depois? — perguntou o Diretor.

— E, depois, poderíamos destacá-las no terreno.

— Senhor — interrompeu Michaels. — A Convenção de Genebra proíbe expressamente as mulheres combatentes.

Os outros homens reunidos à volta da mesa fizeram um gesto de assentimento, mostrando o seu acordo com aquela questão.

— A Convenção proíbe muitas coisas — replicou Eleanor, imediatamente. Conhecia todos os cantos escuros do SOE, o modo como a agência, apoiando-se no desespero da guerra, seguia atalhos e gozava com a lei quando lhe dava jeito. — Podemos fazer com que façam parte da FANY a modo de cobertura.

— Seria pôr em risco a vida de esposas, filhas e mães — insistiu Michaels.

— Não gosto — disse outro dos homens uniformizados do extremo oposto da mesa.

Eleanor tinha um nó de nervos no estômago. O Diretor não era precisamente um líder com vontade de ferro. Se todos os outros concordassem com Michaels, o mais provável era que acabasse por rejeitar a proposta.

— E gosta de perder meia dúzia de homens às mãos dos alemães a cada quinze dias? — perguntou Eleanor, incrédula com a sua própria ousadia.

— Experimentaremos — disse o Diretor, com uma determinação fora do comum nele, impedindo qualquer outro debate. Virou-se para Eleanor. — Monte um escritório na Norgeby House, aqui nesta mesma rua, e diga-me do que precisa para isso.

— Eu? — perguntou Eleanor, surpreendida.

— A ideia foi sua, Trigg. E será a menina a lidar com este assunto.

Pensando no que tinham acabado de comentar há apenas alguns minutos, Eleanor tremeu ao receber a tarefa do Diretor.

— Senhor — interveio Michaels. — Não acho que a menina Trigg seja qualificada. Sem querer ofender — acrescentou, inclinando a cabeça em direção a ela.

Os outros homens ficaram a olhar para ela com uma expressão hesitante.

— Não me ofendo.

Eleanor curtira-se há muito tempo no que dizia respeito ao desprezo dos homens.

— Senhor — interveio o oficial do exército do outro extremo da mesa. — Também me parece que a menina Trigg não é a pessoa mais adequada. Com os seus antecedentes...

As cabeças dos sentados à mesa mexeram-se em gesto de assentimento e os seus olhares céticos foram acompanhados por um murmúrio. Eleanor sabia que todos estavam a estudá-la, a questionar-se a sua lealdade à causa. «Não é uma das nossas — parecia dizer a expressão daqueles homens —, e não é de confiança.» Apesar de tudo o que fizera pelo SOE, continuavam a vê-la como um inimigo. Diferente, estrangeira. E não porque não tivesse tentado. Trabalhara para encaixar no grupo, para silenciar qualquer rasto do seu sotaque. E pedira a nacionalidade britânica. Já lha tinham negado uma vez, baseando-se em determinados argumentos que nem sequer o Diretor, com todo o seu poder e toda a sua influência, conseguira verificar. Apresentara a candidatura pela segunda vez há alguns meses, com uma nota de recomendação assinada por ele, esperando que esse detalhe conseguisse fazer a diferença. Até à data, continuava sem receber resposta.

Eleanor pigarreou antes de falar novamente, disposta a anunciar que não queria ser tida em consideração para o posto. Mas o Diretor falou antes dela.

— Eleanor, monte o escritório! — ordenou. — Comece a recrutar e a treinar as raparigas sem mais demora.

E levantou a mão para anunciar que não queria mais discussões.

— Sim, senhor — disse Eleanor, mantendo a cabeça bem erguida, disposta a não desviar o olhar de todos os olhos que se fixavam nela agora.

No fim da reunião, Eleanor esperou que todos se fossem embora para abordar o Diretor.

— Senhor, não acho que...

— Tolices, Trigg. Todos sabemos que é o homem ideal para o posto, se me perdoar a expressão. Até esses militares, por muito que não queiram reconhecê-lo ou não entendam muito bem porquê.

— Mas, senhor, mesmo no caso de ser verdade, sou uma pessoa de fora. Não tenho o potencial necessário para...

— É uma pessoa de fora e essa é precisamente uma das coisas que a torna perfeita para o posto. — Baixou o tom de voz. — Estou cansado de a política enlamear tudo. Não permitirá que as lealdades pessoais ou outras preocupações influenciem a sua opinião.

Eleanor assentiu, consciente de que era verdade. Não tinha marido nem filhos, não tinha distrações externas. A missão era a única coisa importante para ela e sempre fora assim.

— Tem a certeza de que eu não poderia ir? — perguntou, conhecendo a resposta de antemão.

Apesar de se sentir elogiada por o Diretor a ter escolhido como encarregada de liderar a operação das mulheres, aquela opção ocupava o segundo lugar a respeito de realizar trabalhos como agente no terreno.

— Sem a documentação, seria inverosímil. — E tinha razão, claro está. Em Londres, podia esconder as suas origens. Contudo, conseguir a documentação necessária para ser enviada para o estrangeiro, e especialmente naquele momento, com o pedido de nacionalidade pendente, era claramente impossível. — E, de qualquer forma, isto é muito mais importante. Agora, é chefe de um departamento. Tem de recrutar as raparigas. Treiná-las. Transformar-se numa pessoa da sua confiança.

— Eu?

Eleanor sabia que as outras mulheres que trabalhavam no SOE a consideravam fria e distante, que não era o tipo de rapariga que convidariam para almoçar ou beber chá e muito menos em quem depositariam a sua confiança.

— Eleanor — prosseguiu o Diretor, falando em voz baixa e em tom sério, analisando-a com o olhar. — São muito poucos os que estão onde esperavam estar no começo da guerra.

Isso, refletiu Eleanor, era uma verdade muito maior do que o Diretor podia imaginar. Pensou no que aquele homem lhe pedia. Era uma oportunidade para ficar ao leme da situação, para tentar resolver todos os erros que se vira obrigada a ver do lado de fora durante todos aqueles meses em que se sentira impotente para ajudar. Embora não fosse o mesmo do que trabalhar no terreno, seria uma oportunidade para fazer muito mais do que estava a fazer agora.

— Precisamos que se encarregue de encontrar essas raparigas e de as destacar lá — continuou o Diretor, como se estivesse tudo resolvido e ela tivesse dito que sim.

Eleanor estava imersa num conflito interno. A perspectiva de aceitar aquela responsabilidade era atraente. Contudo, por outro lado, a enormidade da tarefa prolongava-se à frente dela como um baralho de cartas espalhado na mesa. Os homens já estavam a enfrentar muitas coisas e, por muito que o seu coração lhe dissesse que as mulheres eram a resposta, prepará-las para desempenhar aquela tarefa seria um trabalho digno de Hércules. Era demasiado, um envolvimento — e também uma exposição — que não sabia se podia permitir-se.

Contudo, então, olhou para as fotografias que pendiam da parede dos agentes do SOE mortos em ação, jovens que tinham dado tudo pela guerra. Imaginou o Serviço de Inteligência alemão, o Sicherheitsdienst, no seu quartel-general em França, na Avenue Foch de Paris. O SD era

comandado pelo tristemente célebre *Sturmbannführer* Hans Kriegler, antigo comandante dos campos de concentração que Eleanor sabia, pelos arquivos, que era tão ardiloso como cruel. Havia relatórios que afirmavam que usava os filhos dos franceses para obrigar os seus pais a confessar, que diziam que pendurava os prisioneiros em ganchos de carnicheiro para lhes surripiar toda a informação antes de os deixar morrer lá. E, sem dúvida, naquele momento, já estava a planear a queda de mais agentes.

Eleanor sabia que não tinha outra opção senão aceitar o trabalho.

— Muito bem. Mas precisarei de ter o controlo absoluto — declarou, pensando que era sempre importante adiantar-se na hora de estabelecer os termos do acordo.

— Tê-lo-á.

— E depender diretamente de si. — Noutras circunstâncias, os setores especiais dependeriam de algum dos adjuntos do Diretor. Eleanor olhou pelo canto do olho para Michaels, que ficara a deambular pelo corredor. Sabia que nem ele nem os outros homens gostariam que tivesse uma relação tão estreita com o Diretor, mais do que já tinha. — De si — repetiu, com ênfase, deixando que as palavras se entranhassem no seu superior.

— Não haverá intromissões burocráticas — prometeu o Diretor. — Dependerá apenas de mim.

Então, Eleanor percebeu o desespero que a sua voz escondia e como precisava dela para ter sucesso naquele trabalho.

[1] O Executivo de Operações Especiais, ou Special Operations Executive (SOE) foi, efetivamente, uma organização de operações secretas criada pelo primeiro-ministro britânico Winston Churchill, com o objetivo de «incendiar» a retaguarda inimiga. Usar-se-ão as suas siglas em inglês por ser por elas que a equipa é conhecida em publicações e ambientes da língua portuguesa. (N. da T.).

- [2] Women's Army Corps ou WAC, Unidade de Mulheres do Exército. (N. da T.).
- [3] First Aid Nursing Yeomanry ou FANY, Unidade de Enfermagem de Primeiros Socorros para a Cavalaria. (N. da T.).

Capítulo três

MARIE

Londres, 1944

O último lugar onde Marie teria esperado ser recrutada como agente secreta (no caso de algum dia ter imaginado que isso aconteceria) seria uma casa de banho.

Há apenas uma hora, Marie estava sentada a uma mesa junto da janela no Town House, um café calmo da York Street que costumava frequentar, saboreando uns minutos de sossego depois de um dia interminável a escrever à máquina no lóbrego Escritório de Guerra do edifício anexo, onde trabalhava como datilografa. Ao pensar no fim de semana, para cuja chegada só faltavam dois dias, sorriu, imaginando Tess, de cinco anos, e aquele dentinho torto que, certamente, já estaria a aparecer um pouco mais. Era o problema de só ver a filha ao fim de semana: Marie tinha a sensação de que, nos dias que decorriam entre as visitas, passavam anos. Desejava ir acampar com Tess, brincar junto do riacho e procurar pedras. Contudo, alguém tinha de estar ali, a ganhar algumas libras para impedir que a sua velha casa germinada de Maida Vale acabasse embargada ou em estado de abandono; isso se as bombas não acabassem com ela primeiro.